

Uso de estimulantes para desempenho acadêmico

Annelise Ciconello Lima, Biomedicina, Centro Universitário Integrado, Brasil

Maria Rita Abrão Antonioli, Biomedicina, Centro Universitário Integrado, Brasil

Lais de Souza Braga, Biomedicina, Centro Universitário Integrado, Brasil,
lais.souza@grupointegrado.br

INTRODUÇÃO

O uso de substâncias psicoativas estimulantes do sistema nervoso central tem se expandido significativamente nas últimas décadas, impulsionado por demandas sociais relacionadas à produtividade, desempenho e vigilância. Entre essas substâncias, destacam-se medicamentos prescritos para condições como o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH), como o metilfenidato, além de outras drogas com efeito estimulante. Apesar de sua indicação terapêutica específica, observa-se um aumento expressivo do uso não prescrito dessas substâncias, muitas vezes sem acompanhamento médico, o que levanta preocupações quanto à segurança e ao uso indiscriminado (MIRANDA, 2022).

Os impactos do uso de estimulantes na saúde são amplos e envolvem tanto efeitos físicos quanto psicológicos. Entre os efeitos mais comuns, destacam-se taquicardia, insônia, redução do apetite e alterações cardiovasculares. Do ponto de vista psicológico, podem ocorrer ansiedade, irritabilidade, dependência e até agravamento de transtornos psiquiátricos pré existentes. Além disso, o uso inadequado dessas substâncias pode levar ao desenvolvimento de tolerância e dependência química, configurando um importante problema de saúde pública (SCHIFANO, 2022).

No contexto acadêmico, especialmente entre estudantes universitários, o uso de estimulantes tem sido associado à busca por melhor desempenho cognitivo, aumento da concentração e redução da fadiga, principalmente em períodos de alta demanda, como provas e entregas de trabalhos. Estudos apontam que estudantes da área da saúde apresentam maior prevalência de uso não prescrito, possivelmente devido à maior exposição ao conhecimento farmacológico e à intensa carga acadêmica. Esse cenário contribui para a normalização do uso dessas substâncias no ambiente universitário (CERQUEIRA, 2021).

Diante do aumento do consumo de estimulantes sem prescrição e da falta de controle adequado, torna-se essencial compreender esse fenômeno de forma ampla, considerando seus determinantes, padrões de uso e consequências. Assim, o presente trabalho teve como objetivo investigar o uso de estimulantes para desempenho acadêmico entre estudantes universitários, abordando suas motivações, prevalência, efeitos percebidos e riscos associados à saúde.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura conduzida nas bases de dados PubMed, Google Acadêmico, realizada em Março de 2026. Para a busca de artigos foram utilizados os seguintes descritores: Estimulantes, Estudantes Universitários, Psicoestimulantes, Nonmedical use, Misuse, -non-prescribed use, Prescription stimulants, Methylphenidate, Amphetamine, Modafinil, College students, university student.

Os descritores foram combinados com os operadores booleanos AND e OR, de forma a ampliar e refinar os resultados da busca. Inicialmente, os termos relacionados às substâncias foram agrupados com o operador OR (*“stimulants” OR “psychoestimulants” OR “prescription stimulants” OR methylphenidate OR amphetamine OR modafinil*). Em seguida, os termos relacionados à população foram combinados também com OR (*“college students” OR “university students”*). Por fim, os termos referentes ao tipo de uso foram agrupados com OR (*“nonmedical use” OR misuse OR “non-prescribed use”*).

Esses três grupos foram então combinados entre si com o operador AND, resultando na seguinte estratégia de busca: (*“stimulants” OR “psychoestimulants” OR “prescription stimulants” OR methylphenidate OR amphetamine OR modafinil*) AND (*“college students” OR “university students”*) AND (*“nonmedical use” OR misuse OR “non-prescribed use”*).

Como critérios de inclusão foram selecionados artigos com até 6 anos de publicação, idioma inglês e português, que abordavam jovens no estudo de 18 a 25 anos. Foram excluídos artigos com acesso restrito, trabalhos duplicados, estudos sem relação com o objetivo.

O processo de seleção ocorreu em três etapas: primeiramente, realizou-se a busca sistemática dos artigos nas bases selecionadas utilizando os descritores definidos; em seguida, procedeu-se à seleção inicial por meio da leitura dos títulos e resumos; por fim, foi realizada a leitura completa dos artigos selecionados, com posterior análise e síntese dos dados mais relevantes para a construção da revisão.

REVISÃO DE LITERATURA

O uso não prescrito de estimulantes do sistema nervoso central, como o metilfenidato e a lisdexanfetamina, tem apresentado crescimento significativo no contexto universitário, sendo frequentemente associado à intensificação das demandas acadêmicas e à competitividade por desempenho. Estudos indicam que essa prática é relativamente comum entre estudantes, especialmente em cursos

com alta exigência cognitiva, estando relacionada tanto à pressão por produtividade quanto à percepção de necessidade de aprimoramento do rendimento acadêmico (L. L. Weyand, 2009; Timothy E. Wilens, 2020; Miguel Miranda; BARBOSA, 2022). Nesse cenário, tais substâncias são utilizadas com a finalidade de potencializar funções cognitivas, especialmente atenção, concentração e produtividade, com maior incidência em períodos de avaliações e sobrecarga de atividades acadêmicas, contribuindo para a normalização desse comportamento no ambiente universitário. (CERQUEIRA; ALMEIDA; CRUZ JUNIOR, 2021; SOUZA; BAIENSE, 2023)

Todavia, evidências empíricas indicam que os benefícios subjetivamente percebidos pelos usuários não se traduzem, de forma consistente, em melhorias objetivas no desempenho acadêmico. Estudos demonstram que, embora haja uma percepção de aumento na eficiência cognitiva e na capacidade de concentração, não se observam ganhos significativos em indicadores como retenção de conteúdo, qualidade da aprendizagem ou rendimento acadêmico global. (Amelia M. Arria., 2018; Irena P. Ilieva; Martha J. Farah, 2019) Tal discrepância sugere que os efeitos dessas substâncias podem estar mais relacionados a alterações na motivação e na percepção de desempenho do que a um impacto neurocognitivo efetivo, reforçando a ideia de um benefício predominantemente subjetivo.

Adicionalmente, o uso indevido dessas substâncias está associado a potenciais riscos à saúde física e mental. Entre os efeitos adversos mais relatados estão taquicardia, insônia, redução do apetite e alterações cardiovasculares, além de manifestações psicológicas como ansiedade, irritabilidade e maior vulnerabilidade ao desenvolvimento de dependência (Fabrizio Schifano, 2022). Estudos também apontam que indivíduos que fazem uso não prescrito de estimulantes podem apresentar maior probabilidade de prejuízos psiquiátricos e padrões problemáticos de uso de substâncias, o que agrava os riscos associados a essa prática. (Laura J. Holt, 2023)

Outro aspecto relevante refere-se à associação entre o uso não prescrito de estimulantes e a adoção de outros comportamentos de risco. A literatura aponta correlação significativa entre essa prática e o consumo concomitante de outras substâncias psicoativas, bem como com a presença de sintomas de transtornos como o TDAH e outras condições psiquiátricas. (François A. M. Jean, 2024) Além disso, fatores sociais e contextuais, como acesso facilitado aos medicamentos e influência de pares, desempenham papel importante na manutenção desse comportamento, indicando que o uso de estimulantes está inserido em um contexto mais amplo de vulnerabilidade psicossocial. (WILENS, 2020)

Dessa forma, o uso indiscriminado de estimulantes no ambiente universitário configura-se como uma questão relevante de saúde pública, demandando estratégias institucionais de prevenção, ações educativas e a promoção de abordagens mais sustentáveis para o alcance do desempenho acadêmico. A compreensão desse fenômeno deve considerar não apenas os fatores individuais, mas também os determinantes sociais, acadêmicos e culturais que contribuem para sua disseminação, de modo a subsidiar intervenções mais eficazes e baseadas em evidências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que o uso não prescrito de estimulantes entre universitários é uma prática crescente, impulsionada principalmente pela pressão acadêmica, pela busca por produtividade e pela normalização desse comportamento no ambiente universitário. Períodos de avaliações e alta demanda de atividades mostram-se os principais gatilhos para esse uso.

Um achado relevante é a discrepância entre o que os estudantes percebem e o que a literatura demonstra: apesar da sensação de maior eficiência e concentração, os ganhos objetivos no desempenho acadêmico são modestos e inconsistentes. Isso sugere que a crença nos efeitos dessas substâncias pode pesar mais do que seus reais benefícios farmacológicos.

Ao mesmo tempo, os riscos à saúde são concretos e merecem atenção. Efeitos como insônia, taquicardia, ansiedade e maior vulnerabilidade à dependência são relatados com frequência, e o uso combinado com outras substâncias agrava ainda mais esse quadro.

Como limitação, destaca-se o fato de a pesquisa ter se baseado em estudos secundários, o que restringe conclusões mais específicas sobre o contexto brasileiro, tornando necessários estudos primários com populações nacionais.

Por fim, reforça-se a importância de ações educativas dentro das universidades, do incentivo ao uso racional de medicamentos e da valorização de estratégias saudáveis de estudo como caminhos mais seguros e sustentáveis para o bom desempenho acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: Medicamentos. Estimulantes. Prescrição. Universitários. Psicoestimulantes.

REFERÊNCIAS

ARRIA, Amelia M. *et al.* Perceived academic benefit is associated with nonmedical prescription stimulant use among college students. **Addictive Behaviors**, v. 76, p. 27–33, 2018.

CERQUEIRA, Nadinni Silva Vilas Boas; ALMEIDA, Bruna do Carmo; CRUZ JUNIOR, Raineldes Avelino. USO INDISCRIMINADO DE METILFENIDATO E LISDEXANFETAMINA POR ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS PARA APERFEIÇOAMENTO COGNITIVO. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 10, p. 3085–3095, 2021.

HOLT, Laura J. *et al.* Sources for prescription stimulant misuse: A person-centered approach to understanding links to substance use and psychiatric impairment. **Experimental and Clinical Psychopharmacology**, v. 31, n. 2, p. 498–506, 2023.

ILIEVA, Irena P.; FARAH, Martha J. Attention, motivation, and study habits in users of unprescribed ADHD medication. **Journal of Attention Disorders**, v. 23, n. 2, p. 149–162, 2019.

JEAN, François A. M. *et al.* Association between ADHD symptoms and illicit stimulants use following 1 year among French university students of the i-Share cohort. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, v. 59, n. 5, p. 887–897, 2024.

MIRANDA, Miguel; BARBOSA, Miguel. Use of cognitive enhancers by Portuguese medical students: Do academic challenges matter? **Acta medica portuguesa**, v. 35, n. 4, p. 257–263, 2022.

SOUZA, Eduardo Oliveira Neves; BAIENSE, Alex Sandro Rodrigues. USO INDISCRIMINADO DE PSICOESTIMULANTES PARA ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 9, p. 3442–3457, 2023.

SCHIFANO, Fabrizio *et al.* Correction to: Benefits and harms of “smart drugs” (nootropics) in healthy individuals. **Drugs**, v. 82, n. 7, p. 839, 2022.

WEYANDT, L.L.; *et al.* Nonmedical prescription stimulant use among a sample of college students: relationship with psychological variables. **Journal of Attention Disorders**, Maryland, v. 29, n. 4, p. 1-11, 2009.

WILENS, Timothy E. *et al.* Disentangling the social context of nonmedical use of prescription stimulants in college students. **The American Journal on Addictions**, v. 29, n. 6, p. 476–484, 2020.